

Auto-Retrato do Oitentão

Lauro Ruiz de Andrade

Dez de abril de 1985: Dia de gala no meu calendário subjetivo, pois verifico a primeira coincidência nos gabaritos da minha vida. Completo 80 anos e continuo a ter a mesma estatura física dos 13 da adolescência. — um metro e oitenta. Quanto ao peso corporal, naturalmente há déficit originado pelo desequilíbrio orgânico da ingesta e excreta. Trocando em miúdos: todos os velhos vão perdendo peso (e ilusões), afora os atingidos pelo *diabetes* causador de adiposidades. É uma vantagem, porque é melhor ser velho, magro e lúcido, do que ser gordo e apático, ou melhor dizendo... gagá.

A ocasião propicia-me a escrever esta biografia compacta, a ser lida por alguns poucos e boníssimos amigos: Clodomir Teófilo Girão, Moreira Campos, César Coelho, João Elmiro de Sousa, Mário Ciarlini, que tanto estimularam meu pendor inato de olhar as estrelas, já registrado por Cervantes, ao glorificar o fato dos idealistas, o de “vivir lueco e morir cuerdo”. Isso mesmo, o bom senso aparece tardiamente.

O excesso de modéstia e timidez temperamental, ou a falta de um pingão de vaidade e amor próprio, afastaram-me do cabotinismo ritual da mocidade. Sou pacato, pacífico, caladão. Falo pouco e penso muito. E isto é bom para quem possui pernas fortes de andari-lho urbano destemeroso diante dos automóveis apressados. Outra coincidência: a de haver nascido no ano do falecimento do profeta Júlio Verne, cuja obra completa já li. Os sonhos vernianos ainda

continuam a fascinar os velhos e os meninos. Minha santa Mãe orientou-me no ritual religioso, sonhando a glória de possuir um filho sacerdote, o que não aconteceu por causa da reação paterna. Meu Pai, maçom, panfletário, revolucionário, era um leão quando clamava contra os ladrões de casaca, mas, na intimidade, no convívio com os parentes e amigos, era um cordeiro manso. Escapei assim da tonsura, depois dos doutorados. Ingressei, por simples vocação, na universidade dos livros comprados nos sebos ou lidos nas bibliotecas, à luz do gás carbônico. A grafomania foi a vacina escolhida para suportar as misérias da vida. Aprendi muitos ofícios: fui soldado raso, empregado de farmácia, microscopista, escriturário, oficial administrativo. Durante mais de trinta anos participei da "literatura agrária", convencido de que a "Pátria é a Terra, e o Solo é a Pátria: Cultivá-lo, é engrandecê-la", legenda trazida pelo meu primo Humberto R. de Andrade, que viera de Piracicaba, onde recusara a oferta de uma cátedra na Escola Luís de Queiroz.

Falei de grafomania, esta inocente e benéfica doença que nos acompanha vida afora. Reviro velhos alfarrábios e revejo a carteira do ministério do trabalho. Desde 1975 sou registrado como jornalista colaborador. Há mais de dez anos colaboro no jornal fundado por Demócrito Rocha, percebendo cachê mensal, pago à vista de alguns recortes. Destes frágeis papéis, possuo meia dúzia de gordas pastas colecionadoras, destinadas a serem corroídas pelas eruditas traças, se não forem guardadas em alguma estante de hemeroteca.

Livros inéditos? Tenho mais de uma dúzia, na pequena estante por mim construída com vinte tijolos furados e meia dúzia de tábuas. Recebo assiduamente livros de autores cearenses. Acuso o recebimento, agradeço, escrevo uma apreciação que sempre sai com retardamento, obviamente, por falta de espaço e excesso de cronistas...

Qual vagalume invisível, procurei iluminar-me a mim mesmo, para ter o privilégio de iluminar o próximo, talvez uma ilusão dourada, ou ilusão perdida, como diz o poeta gaúcho. Em 1929, gastei alguns contos de réis (hoje milhões), lançando a *Revista de Naturismo*, cuja salga era enviada gratuitamente aos freqüentadores das bancas de jornais, a título de propaganda. Em 1955, editei o jornalzinho *Ceará Avícola*, órgão de defesa da avicultura cearense. Anos depois, fiz a Campanha Cívica em prol da fundação da Casa de

Rodolfo Teófilo, sonho ainda não realizado, embora o prédio da Avenida da Universidade já tenha sido tombado pelo serviço federal da memória nacional.

Atualmente, ainda não curado dessa mania de espalhar idéias, estou distribuindo um folheto — “Cemitérios Ecológicos”, demonstrativo da possibilidade da preservação da flora nativa brasileira, mediante a aliança do culto da Árvore ao culto dos Mortos.

O que espero da vida ainda? Nada, a não ser a hora da extinção da luz em meus olhos frios. E enquanto espero a visita fatal da única coisa certa da vida, confio na promessa do Reitor Magnífico Antônio Martins Filho, que me garantiu pessoalmente publicar, por conta da coordenação dos Programas Culturais da Casa de José de Alencar, um meu livro inédito, organizado depois de uma semana de trabalho, no paciente revirar das crônicas publicadas nos jornais da cidade.